

---

## Dez anos de e-music no Rio Vermelho: a cena eletrônica local de 2004 a 2014<sup>1</sup>

Tatiana Rodrigues LIMA<sup>2</sup>  
Cláudio Manoel Duarte de SOUZA<sup>3</sup>  
Natan Cândido SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Amaro - BA

### RESUMO

O artigo trata dos principais eventos de música eletrônica que ocorreram no bairro do Rio Vermelho, em Salvador-BA, no período entre 2004 e 2014. A partir da noção de cena musical, aborda as festas pioneiras, realizadas semanalmente pelo coletivo Pragatecno por períodos superiores a um ano e seus desdobramentos. Investiga como esses eventos promoviam uma territorialização de casas noturnas, sendo sucedidos por outras festas de e-music e pela abertura de casas noturnas dedicadas à música de pista, a partir de 2009. Nas conclusões, discute as transformações da cena, comparando os eventos realizados pelo coletivo nos primeiros anos com as festas organizadas por proprietários dos clubes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música Eletrônica; DJ; Cenas Musicais; Territorialidade; Salvador.

### No Lounge

Este artigo é uma abordagem preliminar da emergência da música eletrônica de pista no Rio Vermelho, bairro com intensa vida noturna localizado na cidade de Salvador-BA, abrangendo o período entre 2004 e 2014. Investigamos se é possível compreender os eventos de e-music no bairro como integrantes de uma cena e reunimos dados e registros sobre as festas. Motivou a pesquisa o interesse em refletir sobre como os coletivos de e-music e as casas noturnas do Rio Vermelho tiveram agência na cena, principalmente porque o bairro é considerado um lugar da boemia, receptivo às músicas *underground*, de nicho e *mainstream* e sede de bares e restaurantes dedicados ao entretenimento noturno em geral, constituindo um ambiente propício para o funcionamento de clubes e casas noturnas voltadas para a “música dançante”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Música e Entretenimento, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Centro de Culturas, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, CECULT-UFRB. Coautora e orientadora do trabalho, e-mail: tatianarodrigues@ufrb.edu.br.

<sup>3</sup> Professor do Centro de Culturas, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, CECULT-UFRB. Coautor e coorientador do trabalho, e-mail: claudiomanoel@ufrb.edu.br.

<sup>4</sup> Bolsista PIBIC da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, FAPESB-BA, estudante do Centro de Culturas, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, CECULT-UFRB. Coautor do trabalho, e-mail: natancandido@aluno.ufrb.edu.br.

---

Buscamos fazer um mapeamento dos espaços onde ocorreram os eventos, com atenção para seus protagonistas, para as principais agências dos atores humanos e não-humanos envolvidos e para a ocorrência de controvérsias (Latour, 2012). Foram realizadas consultas aos agentes da cena (entrevistas curtas e abertas); pesquisas em sites jornalísticos e sobre música, levantamentos em plataformas de compartilhamento de audiovisuais e nas redes sociais dos atores da cena, onde encontramos seus contatos, flyers e outros materiais. Houve também pesquisa em repositórios universitários para o levantamento de monografias, dissertações e teses sobre a música eletrônica em Salvador, bem como uma breve revisão conceitual relacionada à noção de cena e à música eletrônica em geral, em periódicos acadêmicos e livros de referência.

Utilizamos o conceito de música eletrônica de pista, tal como foi formulado por Débora Baldelli (2004, p.7):

a música eletrônica de pista, principalmente o que chamamos de mixagem, é portanto o conjunto de ações e reações do público e do DJ. A forma como a música é apresentada em cada pista de dança é composta por uma combinação única de pessoas que compõem o público e da forma como suas reações são interpretadas pelo DJ, adicionadas também a efeito de luzes, bebidas alcoólicas, e todo o conjunto de fatores que compõem uma festa.

A história da música eletrônica remonta às vanguardas e ao experimentalismo do início do século XX. Como afirma Simone Pereira de Sá (2003), a cena eletrônica brasileira vai se constituir na década de 1990, consolidando-se ao longo dos anos 2000. Do ponto de vista global, os gêneros de pista *house music*<sup>5</sup> e *techno*<sup>6</sup> surgiram nos anos 1980 nos clubes *underground* das cidades americanas de Chicago e Detroit, respectivamente. A população negra e LGBTQIAPN+ teve agência central nessa expressão cultural, que se expandiu para outros centros urbanos. Inicialmente os dois gêneros foram apropriados pelos DJs em Londres de onde alcançaram visibilidade e projeção como novo “fenômeno musical”, passando a circular em outras cidades.

Percebemos que a cena de música eletrônica aqui estudada inclui símbolos da cultura eletrônica global, uma vez que os principais gêneros executados nas pistas do Rio

---

<sup>5</sup> *House music* é um estilo da música eletrônica que surgiu na cidade de Chicago (Estados Unidos), na primeira metade da década de 1980, reunindo elementos da soul music, da disco music e de batidas eletrônicas.

<sup>6</sup> *Techno* é um gênero musical que surgiu em Detroit (Estados Unidos) em meados da década de 1980, caracterizado por ser um som mais reflexivo e intimista, com batidas secas e repetitivas.

Vermelho durante o período estudado estão presentes em clubes situados em outros países do norte e do sul globais. Em decorrência desse espraiamento cultural para além de delimitações nacionais, o conceito de cenas musicais é central na nossa pista teórica para dar conta dos cruzamentos musicais encontrados no Rio Vermelho.

### **Remixando o conceito de cena**

Para Will Straw (1997, p.494), uma cena comporta “várias práticas musicais [que] coexistem interagindo entre si com uma variedade de processos de diferenciação”. O termo foi utilizado inicialmente no jornalismo cultural para se referir a sociabilidades em torno de movimentos artísticos e vem sendo debatido de forma sistemática em estudos sobre a comunicação da música desde a década de 1990. Em uma entrevista a Janotti Jr (2012, p.3), Straw afirma:

a meu ver, a noção de cena desenvolveu-se em duas direções nos últimos vinte anos. Em uma delas, ‘cena’ é um elemento em uma série lexical que inclui ‘subcultura’, ‘tribo’ e outras unidades sociais / culturais nas quais se supõe que exista música[...] Em outra direção, recorre-se à ‘cena’ para tentar teorizar a relação da música com a geografia, o espaço.

Nesta pesquisa são centrais para a discussão tanto o gênero abordado – a música eletrônica – quanto sua relação com o espaço geográfico. O Rio Vermelho é receptivo a apresentações musicais alternativas à axé-music – gênero carnavalesco que projetou vários artistas locais no *mainstream*. O bairro não possui um espaço que comporte shows de grande porte envolvendo as estrelas da música carnavalesca baiana, tornando-se um lugar aonde confluem produções musicais de médio porte de estilos variados. Abriga moradores de classe média e atrai um público jovem e adulto interessado pela vida noturna. O bairro está na região central de Salvador, mas não no Centro Histórico; tem praias, mas em uma extensão menor do que outros bairros da chamada orla marítima. Há um fluxo de turistas, uma vez que estão no bairro os tabuleiros de algumas famosas baianas de acarajé e a casa onde viveram os escritores Jorge Amado e Zélia Gattai<sup>7</sup>. Possui galerias, teatros, intervenções artísticas públicas como grafites, mosaicos e esculturas;

---

<sup>7</sup> Residem / residiram no bairro nomes da cultura em atividade e de gerações anteriores, como o artista plástico Floriano Teixeira que morou no bairro, isso confere uma aura intelectual e *cult* ao Rio Vermelho.

---

serviços e comércio comuns a bairros residenciais; além dos bares, restaurantes e clubes. Entendemos a emergência dos eventos de música eletrônica no também chamado Red River como “Uma *cena* [que] nos convida a mapear o território da cidade de novas maneiras enquanto, ao mesmo tempo, designa certos tipos de atividade cuja relação com o território não é facilmente demonstrada” (Straw, 2013, p.12). Uma definição sintetizada por Straw dá conta dos principais sentidos em torno da noção de cena ativados neste estudo:

*Cena* (...) designa determinados conjuntos de atividade social e cultural sem especificação quanto à natureza das fronteiras que os circunscrevem. As cenas podem ser distinguidas de acordo com a sua localização (como em a cena de St. Laurent em Montreal), o gênero da produção cultural que lhes dá coerência (um estilo musical, por exemplo, como nas referências à cena *electroclash*) ou da atividade social vagamente definida em torno da qual elas tomam forma (como nas cenas urbanas de jogo de xadrez ao ar livre) (2013, p.12, Grifos do autor).

Na cena mais ampla do Rio Vermelho – a cena boêmia e dos acontecimentos culturais que conformam “uma das infraestruturas da cidade para a troca, interação e instrução” (Straw, 2013, p.13) – percebemos que a emergência de eventos de música eletrônica se deu “a partir dos excessos de sociabilidade que rodeiam a busca de interesses, ou que fomentam a inovação e experimentação contínuas da vida cultural das cidades” (Straw, 2013, p.13), promovendo territorializações e instaurando territorialidades.

A discussão sobre espaço, lugar, território e territorialidade, oriunda da geografia, ganha uma perspectiva comunicacional em alguns estudos sobre a cultura musical e seus posicionamentos. Michael Herschmann (2018, p.129) indica:

É preciso que se atente para o fato de que as apropriações e agenciamentos que se produzem em diferentes localidades – que transformam espaços em ‘lugares’ (Santos, 1996 e 2005) – podem não ser exclusivos dos atores pesquisados. Em razão disso é que se postula o termo ‘territorialidade’ e não de ‘território’: aliás, a noção de territorialidade ou até multiterritorialidade (Haesbaert, 2002, 2010 e 2012) parecem ser mais adequadas para analisar as dinâmicas que envolvem de modo geral os agrupamentos sociais.

No período pesquisado – 2004 a 2014 – observamos que as primeiras festas de e-music ocorriam em lugares que abrigavam também shows de outros gêneros. Artistas da

música eletrônica e de outras linguagens, notadamente os do coletivo Pragatecno, e ouvintes da e-music promoviam a territorialização dos espaços que tinham outras agências em uma cena mais ampla, a cena boêmia do Rio Vermelho. Os agentes humanos da cena adotavam uma política de difusão das vertentes comerciais e experimentais da *e-music* e promoviam uma territorialização que “é, igualmente, transindividualidade, e a compartimentação da interação humana no espaço (...) é tanto um aspecto da territorialidade como da transindividualidade” (Santos, 1997 p.215). Seguindo esse entendimento, os espaços onde ocorreram as primeiras festas foram territorializados pelos agentes da cena, tornando-se lugares. Ainda conforme Milton Santos (1997, p. 218),

no lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

O coletivo Pragatecno produzia no período estudado flyers e outros materiais gráficos para a divulgação das festas; djing, iluminação, decoração e outros elementos associados às performances; registros fotográficos e em vídeo dos eventos; conteúdos para blogs, sites e redes sociais; seminários temáticos e mostras de vídeos. Também realizava a formação de DJs, através de oficinas, além de editar e distribuir fanzines com textos e títulos propositadamente controversos, a fim de que o debate e as polêmicas ampliassem a atenção para a e-music. Como recorda Straw (2013, p.12), retomando referenciais teóricos do conceito de cena,

em um dos primeiros trabalhos acadêmicos que discutiram o conceito, Barry Shank (1994) sugeriu que uma cena pode ser definida como ‘uma comunidade excessivamente produtora de sentido’ (p. 122). No interior de uma cena, afirmou ele, ‘produz-se muito mais informação semiótica do que é possível analisar de modo racional’ (p. 122).

Podem fazer parte da cena tanto gêneros internacionais em comum, como ocorre com o *techno*, a *house* e o *drum'n'bass*, entre outros, executados nas pistas do Rio Vermelho, como práticas locais e traços estilísticos singulares, que vão constituir o diferencial dos DJs. Apresentamos a seguir as informações coletadas sobre as festas em

---

pesquisa documental e entrevistas conforme a ordem de surgimento desses eventos regulares. Isso permite entender como se comportou a adesão das casas, dos artistas e do público diacronicamente a partir de 2004.

### **Nas pistas do Rio Vermelho**

As duas primeiras festas com periodicidade semanal de música eletrônica no Rio Vermelho de que tivemos notícia foram promovidas pelo coletivo Pragatecno. Surgido em 24 janeiro de 1998, o grupo foi um dos pioneiros da cena de música eletrônica no Brasil, sendo responsável pela primeira coletânea nacional em CD Duplo, a *#SomBinário*. O site oficial define o coletivo como “um núcleo de e-music no norte-nordeste. Sua ideia principal é procurar trazer à tona as novidades da cultura experimental, não comercial da música eletrônica e cibercultura, através da troca de informação entre djs e produtores nessas regiões”<sup>8</sup>.

O coletivo começou em Maceió, onde foi criado pelos jornalistas Cláudio M. a.k.a. DJ Angelis Sanctus<sup>9</sup> e Gil Maciel, o designer Nasson Paulo e o arquiteto Henrique Gomes, com o intuito de dar visibilidade à música eletrônica *underground*. Ao núcleo inicial, agregaram-se outros DJs e produtores, que se aproximaram do grupo a partir do site do Pragatecno e da lista de discussão Pragatecno Brasil, que reunia pessoas predominantemente do norte e nordeste. As atividades do Pragatecno passaram a ocorrer em Salvador a partir do ano de 2000, quando Cláudio M. se mudou para fazer mestrado na UFBA, tendo produzido a primeira dissertação sobre a cultura do DJ e a cibercultura do Brasil.

Depois de circular em alguns eventos da cidade, Cláudio M. conheceu DJs como Júlio César (DJ Drumn), Môpa, André Urso, Adriana Prates, Telefunksoul e Kikily, que formaram o núcleo do Pragatecno em Salvador. Vale ressaltar que a cidade já tinha uma movimentação importante em relação à música de pista. Havia coletivos e grupos que trabalhavam com alguns gêneros e subgêneros da música eletrônica como *trance*, *dub*, *miami bass* e *drum'n'bass*. No entanto, à medida em que o Pragatecno ampliava sua

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://pragatecno.wordpress.com/pragatecno/>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

<sup>9</sup> Cláudio M. é o nome artístico do coautor deste artigo, Cláudio Manoel Duarte de Souza, cujo nick de DJ é Angelis Sanctus. “a.k.a.” é uma sigla para “also known as” (em português: “também conhecido como”) bastante usada pelos adeptos da música eletrônica quando fazem referência ao nome artístico e de batismo dos integrantes da cena.

---

atuação na cidade, criou-se uma certa rotina, ou seja, uma cena que se caracterizava por festas frequentes e contínuas, o encontro de dois conceitos fundamentais para entender a formação de uma cena: localidade e temporalidade (Souza, 2015).

Em entrevista para este artigo o DJ Môpa (Marcos Sandes) lembrou que os grupos e *promoters* em atividade na cidade costumavam se comunicar para que as datas das festas não coincidisse. Essa preocupação, que visava não dividir o público, mostra que havia uma articulação entre os produtores ligados aos diversos subgêneros da música eletrônica local, que envolvia, por exemplo, festas de *psytrance* em locais abertos e afastados do centro da cidade.

Para além das festas, o coletivo tinha a preocupação com a formação dos DJs e com a viabilidade de um circuito de festas *underground* no norte e nordeste brasileiro. O interesse era criar uma comunidade conectada pelo gosto por música eletrônica, portanto, o grupo fomentava uma cena no sentido ideológico. Conforme Simone Sá e De Marchi (2008, p.57) a atuação “no caso dos membros do Pragatecno ocorre não só em torno da música, mas de valores estéticos de vanguarda, baseados nas noções de experimentalismo, *underground* e de um sentido missionário de consolidação da cena de música eletrônica no Brasil”.

A primeira festa do coletivo Pragatecno em Salvador é anterior ao período aqui analisado: foi o lançamento do volume 1 da coletânea *#SomBinário Pragatecno*, em um bar próximo da praia da Paciência, no Rio Vermelho, em 2000. Em seguida, o coletivo promoveu uma festa mensal de nome *Automática* no centro da cidade, que destacava a vertente *electro-house*. O grupo não tinha uma divisão oficial de atividades, mas foi se delineando uma rotina em que Cláudio M. e Môpa coordenavam a montagem técnica e Kikily produzia o material gráfico de divulgação, enquanto os outros integrantes se revezavam nas demais atividades.

A festa *OpSom*, idealizada e realizada pelo coletivo Pragatecno, é um dos eventos que inauguram a territorialização da música eletrônica no Rio Vermelho, ocupando o Miss Modular (Rua Morro da Paciência, 3810) semanalmente às sextas-feiras das 22h às 3h, tendo seu início em dezembro de 2004 e seu encerramento em abril de 2006 com o fechamento do espaço. O repertório tocado era principalmente de *house music* com influências do *jazz*, *soul* e *funk*, passeando por várias vertentes como *funkhouse* tocado pelos DJs Gabão (hoje Gabo Oliveira) e Urso, *deep-house* (DJ Angelis Sanctus), *tech-house* (DJ Adriana Prates), *techno* (DJ Santz), *drum 'n' bass*, *breakbeat*, *dub* e *jungle* (DJs

Telefunksoul e Drumn). A cada semana um DJ integrante do coletivo fazia o *lounge* e outro comandava a pista da *Opsom*, em um sistema de revezamento. O grupo trazia também DJs convidados. Nas madrugadas, com o público mais animado e aditivado, ouviam-se gritos nas viradas das mixagens..

Com o fechamento do Miss Modular, o novo lugar territorializado pelo coletivo foi a casa de shows Boomerangue, que passou a abrigar a *Festa Kick* em sua programação. O propósito da festa era “dar um kick (chute) no cenário musical de Salvador, que estava muito parado nessa época”, conta Cláudio M. (depoimento oral em 2022). Segundo ele, o conceito partiu do DJ André Urso. A festa começava às 23 horas com um *lounge de downtempo e nu jazz* até a meia-noite, quando se iniciavam os *sets de house music*, “com suas vertentes (*funky, minimal, deep, electro house*) e *breakbeats*”<sup>10</sup>. “A Festa Kick era uma festa semanal de música eletrônica que aconteceu na Sexta Eletrônica da Boomerangue. A primeira edição da festa ocorreu no dia 16 de março de 2007” (MARINS, 2016, p. 54).

O Boomerangue (Rua da Paciência, 307) foi fundado pelos empresários Alex Góes e Técio Filho, no intuito de ter uma casa noturna com ênfase na música alternativa à chamada *axé-music*. Inaugurada em novembro de 2006, a casa foi um dos principais espaços para a música independente de Salvador, tendo capacidade para 500 pessoas e estrutura de dois andares em que funcionavam dois palcos distintos. Uma notícia do A Tarde On line sobre uma edição especial da Kick traz detalhes sobre preço e programação:

‘Festa Kick’, em edição especial de comemoração aos 10 anos do grupo Pragatecno. A entrada custa R\$15, sem taxa de consumação mínima. Com o Flyer promocional da festa (disponível no site: [www.pragatecno.com.br](http://www.pragatecno.com.br)) o valor do passaporte ficará R\$ 10,00. A classificação é 18 anos.

Seis DJ’s, dentre eles o DJ convidado Benjamin Ferreira, de São Paulo, farão a animação da festa. Benjamin irá trazer o som da *house* e seus subgêneros (*minimal, electrohouse, funky, deep, discopunk, spacedisco*). A festa acontece simultaneamente nos três ambientes da casa (*Lounge* no 1º piso, pista do 2º piso e mezanino).

No 1º piso, *chill out* com DJs Kikily, Cláudio M. aka Angelis Sanctus e Môpa. Já no 2º piso, a pista fica por conta dos DJ’s André Urso, Gabão e Benjamin Ferreira (SP)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/agenda/kick-a-festa-do-pragatecno>. Acesso em: 16 mar. 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://atarde.com.br/cultura/pragatecno-comemora-10-anos-com-festa-kick-na-boomerangue-112836>. Acesso em: 10 jun 2022.



---

A Kick foi noticiada nos roteiros e seções culturais dos jornais online e também nos sites especializados. Segundo o site *Overmundo*, a festa tinha “sempre 2 DJs em revezamento por noite”<sup>12</sup> e tocaram no projeto Angelis Sanctus, Mauro Telefunksoul, Gabão, Môpa e Adriana Prates. Apuramos que entre os DJs que se revezavam estavam também André Urso e Kikily, além de DJs convidados para participações pontuais. Kikily dividia as atividades de produção do com Cláudio M. e Marcelo Moreno, que fazia o “*door*”<sup>13</sup>.

A gente conseguia pagar os DJs que tocavam na festa e fizemos uma poupança, que deu para comprar duas caixas de som amplificadas (chegamos a montar uma delas com madeira naval), um mixer, uma mesa de canais e equipamentos de iluminação, o que deu autonomia para fazer festas em espaços menores sem depender de aluguel de som (Cláudio M. 2022, depoimento oral).

No dia 06 de junho de 2010, a Boomerangue encerrou as suas atividades em caráter definitivo e o novo cenário das festas de música eletrônica foi a San Sebastian. A casa noturna voltada ao público LGBTQIAPN+, “que foi inaugurada em setembro de 2009, era vizinha da Boomerangue no Rio Vermelho. Em outubro de 2010, os empresários André Magal e José Augusto Vasconcellos inauguraram a casa no mesmo endereço que era da Boomerangue” (MARINS, 2016, p. 99). Os pilares da San Sebastian eram a junção de performance, sexualidade, identidade e consumo. O projeto da casa foi desenvolvido pelo arquiteto Marlon Gama e a luz foi assinada por Lonardi Doná<sup>14</sup>. A iluminação das pistas era toda em LED e estava ligada à cabine do DJ através do sistema madrix, por isso as batidas da discotecagem eram sincronizadas com o *light system* do clube. Essas características apontam para o estabelecimento de uma territorialidade centrada na música de pista – em comparação à territorialização que ocorria anteriormente. A festa semanal mais tradicional da boate foi a *Blessed*, que ocorria aos sábados das 23:59 até o amanhecer.

Vale pontuar que, nesse momento, o Pragatecno reduziu sua participação nas pistas e outros agentes passaram a protagonizar os eventos da e-music no Rio Vermelho.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/agenda/kick-a-festa-do-pragatecno/>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

<sup>13</sup> *Door* é o termo usado nos clubes em referência ao responsável pela portaria. Com base no conceito da festa, o *door* permite ou barra a entrada de pessoas.

<sup>14</sup> Lonardi Doná assinou também as luzes de alguns dos maiores clubes do Brasil, como a The Week, D-Edge, Pacha e Yacht.

Ainda havia um certo clima *underground*, em função do público LGBTQIAPN+, porém não se tratava da produção de um coletivo ou de outro tipo de grupo. DJs como Filipe Guerra, Felipe Carvalho, Anne Louise, Arthur Berenguer, Rogher Lobo e Oliver Dom Jack eram os residentes da *Blessed*, que na maioria das vezes tinha um convidado especial para completar o *line up* da noite. O *tribal house* era o subgênero mais tocado, juntamente com o *electro-house* e a música *pop* convencional. A primeira edição da *Blessed* no novo espaço da San Sebastian ocorreu no dia 12 de novembro de 2010 e contou com a presença do DJ cearense João Neto. Outras festas do clube, como a *Liberty*, *Vanity*, *Red Party*, *Hot Club*, *Zuhause* e a *Satisfaction*, tinham o *house* e o *tribal-house* como os seus principais gêneros.

Iniciativas de festas pontuais ocorrem durante os anos de 2010 e 2012, mas sem a periodicidade e a ocupação de uma mesma casa noturna em um dia fixo da semana, ou seja, sem a territorialização duradoura que marcou os primeiros eventos analisados aqui. São exemplos dessas produções esporádicas as festas *Plastic* e *Inbox* no Farol do Rio Vermelho (Rua Dr. Odilon Santos, 244) com a presença dos DJs Adriana Prates, Cigarra & Danka, Caio Carvalho, Tiago Andrade e Fabricio Camargo. Também a *Fun House*, no Bar 155 (Rua Euricles de Matos, 155) e no Europa Club Salvador (Largo do Rio Vermelho, 117), onde tocaram os DJs Edu Villaça, Dom Jack a.k.a. Oliver Jack, Angelis Sanctus a.k.a Cláudio M, Ctrl-Z, Danka, Telefunksoul, Cigarra e Adriana Prates. A festa *Hi-lo*, promovida pelo performer e DJ Jerônimo Sodré no Bar Desabafo (Rua da Paciência, 515), teve cinco edições de março a maio de 2010. Tocaram na *Hi-lo* os DJs oriundos da Pragatecno Môpa, Telefunksoul, Adriana Prates, Angelis Sanctus, e André Urso, além de Fábio Leal, Mascoto e dos DJs residentes Jerônimo Sodré e Fabrício Camargo.

Com a proliferação de festas de música eletrônica no Rio Vermelho e a difusão global do gênero em grandes festivais e clubes, empresários da noite ingressaram na cena. Foi o caso dos baianos Fred Barreto de Araújo, Nagib Daiha, Rodrigo Palhares e Augusto Schumacher que, em junho de 2009, abriram o clube Ego no Hotel Pestana (Rua da Fonte do Boi, 216). Conforme texto da época no site *Leia Mais Bahia*, “referência na área de entretenimento, o grupo está à frente de festas que já se tornaram tradição dentro e fora da capital baiana, a exemplo do Camarote Oceania (Carnaval), Sunrise, Pacha Ibiza entre

outros”<sup>15</sup>. Os empresários haviam implantado anteriormente a Madrre, uma casa noturna que funcionava na Pituba e foi um importante polo de *e-music* em Salvador<sup>16</sup>.

O clube Ego era direcionado à classe média e alta da cidade. O ambiente interno da casa tinha a decoração e a estrutura inspiradas nas grandes boates. Havia um elevador que dava acesso a dois “camarotes VIPs” e, conforme o site *Leia Mais Bahia*, os frequentadores podiam “fechar pacotes que incluem a entrada da balada e a hospedagem no Hotel Pestana, com a opção de fechar o camarote batizado de *Absolut 100* e ter acesso exclusivo até o espaço, não precisando enfrentar fila, a partir de um elevador localizado nas dependências do local”. A aposta dos proprietários era atrair um público de alto padrão aquisitivo, como ocorria na Madrre, cujos faturamentos chegavam a R\$ 100 mil (Costa, 2011, p.124). A programação da casa, que funcionou de 2009 a 2013, incluía festas temáticas, que destacavam em seus títulos alguns gêneros da música eletrônica. São exemplos as festas *I Love House Music*, *We Love E-Music* e *O Melhor da House Music*. Todas elas tiveram a presença do DJ residente do clube, Enrico Masiero, que sempre executava a *house* e o *eletrouse* em seus *sets*. Outras festas realizadas na casa foram *Seduction*, *Equalizer*, *Absolut Party* e a matinê *Equilibrium*, por onde passaram os DJs Tommy Oliver, Hashta, Felipe Monteiro e Renata Dias.

O encerramento do Clube se deu em 2013, mesmo ano em que o empresário Rodrigo Palhares e dois sócios, os também DJs Paulo Velloso e Thiago Mansur, que formavam a dupla Jetlag, estavam negociando a abertura de uma filial baiana do clube nova-iorquino Pink Elephant. A franquia que estava em expansão no Brasil após abertura da primeira filial na cidade de São Paulo. De início, a proposta foi ocupar o mesmo espaço do Clube Ego no Hotel Pestana, mas as negociações não avançaram e a Pink Elephant Salvador foi inaugurada em 12 de abril de 2014 na pirâmide do Rio Vermelho (Rua Conselheiro Pedro Luiz, 113) contando com a presença de figuras públicas da cidade, como o então prefeito ACM Neto.

A Pink Elephant deu continuidade ao modelo do Clube Ego. Tinha uma proposta bem parecida, buscando o mesmo nicho de público de médio e alto padrão de renda. Nessa perspectiva, os gêneros musicais de pista mais populares, como a *house*, tiveram destaque nas noites da Pink. Festas como *e-cult* e *Shut up and dance club* foram as mais famosas

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://leiamaisba.com.br/2009/10/15/club-ego-inaugura-novo-conceito-de-entretenimento/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

<sup>16</sup> A Madrre de Salvador trouxe DJs nacionais e internacionais como o americano Ian Carey, o israelense Infected Mushroom, o alemão Inpetto e o belga Mark Ursa

do clube. Em uma das suas edições, a *Shut up and dance club* contou com a presença dos DJs Luan Delucci, Hugo Haus e Roots, além do DJ mineiro Ftampa, que na época era um dos mais prestigiados na música eletrônica internacional, e que viria a ser o primeiro brasileiro a tocar no maior festival de música eletrônica do mundo, o *Tomorrowland*, na Bélgica, em 24 de julho de 2016. Outros nomes importantes da cena eletrônica marcaram presença no clube como os DJs Yves Larock (Suíça) e Mark Ursa (Bélgica).

### **After: pensando transformações e permanências**

Conforme Michael Herschmann (2018, p. 130) “a música, quando agenciada pelos agrupamentos sociais na ocupação do espaço público, é um recurso capaz de ressignificar em algum grau os territórios”. Consideramos territorialidades instauradas na cena eletrônica do Rio Vermelho a ocupação, entre 2004 e 2009, de casas noturnas não voltadas exclusivamente para a música de pista. O Miss Modular e o Boomerangue eram territorializados temporariamente pelo coletivo Pragatecno. A partir de 2009, com a ampliação do público de e-music e a maior projeção do gênero em nível global, surgem territórios exclusivos para a música de pista no bairro, em iniciativas de novos agentes que ingressaram na cena: empresários da esfera do entretenimento.

Considerando que “cena é um meio de falar da teatralidade da cidade – da capacidade que a cidade tem para gerar imagens de pessoas ocupando o espaço público de formas atraentes” (Straw, 2013, p. 12) percebemos diferentes teatralizações nos dois momentos distintos. O momento inicial tinha um caráter mais ideológico e *underground* com as produções feitas pelos artistas do Pragatecno, atuando motivados pelo desejo de ampliar o número de ouvintes de um gênero com o qual tinham vínculos identitários e afetivos. Gêneros de e-music mais populares, como *house* e *techno*, eram tocados junto com gêneros e subgêneros de extratos mais experimentais (citados nas descrições das festas) e a iniciativa extrapolava os eventos, incluindo uma intensa produção de informação semiótica em oficinas, fanzines e outras produções.

Já o surgimento de espaços com programação e estrutura voltados exclusivamente para a música de pista, a partir de 2009, consolidou a territorialidade da cena eletrônica no Rio Vermelho, sinalizando que a *e-music* se tornou um nicho de mercado rentável na noite do bairro. No mesmo período, observamos o redirecionamento das atividades do Pragatecno, que passa a enfatizar o lançamento de gravações. Entre 2010 e 2014 o

---

coletivo lançou as coletâneas nacionais #SomBinário 2, 3, 4 e 5, desbravando a vertente fonográfica pouco contemplada pelas gravadoras convencionais e suprimindo a escassez de fonogramas de autoria dos DJs brasileiros<sup>17</sup>.

Inferimos que as festas da Pragatecno tinham um caráter mais próximo do *underground*, não só por levarem às pistas subgêneros mais arrojados da e-music, mas também pela sua forma de produção – envolvendo DJs, artistas gráficos, promoters, estilistas de moda, produtores, dentre outros, que tinham como objetivo criar um território para ouvir, debater e dançar a música de sua preferência. As poéticas da *Opsom* e da *Kick*, começando com sets de *lounge* e variando os gêneros de pista, são mais próximas do roteiro das festas de e-music da Inglaterra e dos EUA.

A San Sebastian, Ego e Pink Elephant, por sua vez, traziam DJs cujos *sets* eram mais populares e apostavam em um público de nicho: LGBTQIAPN+, no caso da primeira, e as classes mais abastadas, no caso das duas últimas. Tinham objetivos comerciais, o que as diferencia das primeiras produções estudadas, que praticamente apenas se pagavam e geravam recursos para aquisição de equipamentos para uso do coletivo. As menções mais diretamente musicais nos títulos das festas da Ego - *house music*, *e-music* – e o capital simbólico da Pink Elephant como filial de um famoso clube de Nova York demonstram um interesse dos seus proprietários e *promoters* em comunicar mais diretamente sua proposta a um nicho estável de mercado, numa estratégia mercadológica mais incisiva.

As atividades formativas de plateia e de DJs realizadas pelo Pragatecno levaram alguns integrantes do coletivo à profissionalização. Eles passaram a ser contratados pelas casas noturnas para tocar profissionalmente, em que pese que alguns tenham mantido também outras fontes de renda em paralelo. Parte do grupo continuou apenas atuando nas produções fonográficas, na realização de festas esporádicas e nos seminários e oficinas da Pragatecno. Os integrantes que reduziram as tocadãs passaram a atuar profissionalmente em setores da comunicação, ensino, produção audiovisual etc.

Após o surgimento de casas/territórios da música de pista de tendência “comercial” no Rio Vermelho, outros agentes com vínculos afetivos e ideológicos também ingressam na cena e realizaram festas como a *Hi-lo* e a *Fun House*, marcadas por uma maior diversidade sonora, pela territorialização de casas noturnas de programação

---

<sup>17</sup> Posteriormente, a partir de 2015, período que não está no recorte deste trabalho, o Pragatecno enfatizou a produção de seminários e de oficinas sobre música eletrônica.

variada e pela participação de DJs oriundos do Pragatecno e de outros coletivos – a exemplo dos DJs do coletivo Soononmoon, cuja produção inicial e majoritária foi de festas fora do perímetro urbano, com ênfase no *psytrance* e sub-gêneros relacionados. Os nomes destas festas, assim como os das primeiras festas pesquisadas, não remetem diretamente aos gêneros tocados.

Percebemos que as festas do Pragatecno foram o epicentro de uma intensa produção semiótica, envolvendo inicialmente os vínculos ideológicos e os debates em torno da música eletrônica nos fanzines e em outros produtos visuais e gráficos, atividades de formação de DJs e a produção fonográfica de coletâneas de e-music. O ingresso de empresários da noite, de mais integrantes do público e de novos agentes vinculados ideologicamente com a e-music na cena a partir de 2009 mostrou que houve uma ampliação dos atores humanos e não-humanos na cena, ao longo do período estudado.

## REFERÊNCIAS

A TARDE ON LINE. Pragatecno comemora 10 anos com “Festa Kick” na Boomerangue. *Cultura*, 07 ago. 2007. Disponível em: <https://atarde.com.br/cultura/pragatecno-comemora-10-anos-com-festa-kick-na-boomerangue-112836>. Acesso em: 10 jun 2022.

BALDELLI, Débora. A Música Eletrônica dos DJs e a Produção de uma ‘Nova Escuta’. In: *Anais do V Congresso Latino-americano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular*. 2004.

COSTA, Juliana Cunha. Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural soteropolitana. *Dissertação* (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HERSCHMANN, Micael. Das cenas e circuitos às territorialidades (sônico-musicais). *Logos* 49 Vol 25 n 01. PPGCOM UERJ Comunicação, Territórios e Re-Existência – 2. Rio de Janeiro: UERJ: 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/35696>. Acesso em: 05 jul. 2021.

JANOTTI JR, Jeder. Entrevista -Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos. *Revista ECompós*. Focando na escuta: som, música e comunicação, v. 15, n. 2, 2012.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador: Edufba, 2021.

---

LEIA MAIS BAHIA. Club Ego inaugura novo conceito de entretenimento. *Leiamaisba*, 15 out. 2009. Disponível em: <<https://leiamaisba.com.br/2009/10/15/club-ego-inaugura-novo-conceito-de-entretenimento/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MARINS, Luciano de Andrade. Efeito Boomerangue: o legado da casa de show na cena cultural de Salvador. UFBA, 2016. *TCC - Graduação em Produção Cultural (FACOM)*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28600>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MENDEZ, George. Music Non Stop, 2016. Disponível em: <<https://musicnonstop.uol.com.br/10-discos-para-voce-entender-de-onde-vem-o-som-bate-cabelo/>>. Acesso em: 06 abr. 2022).

NASCIMENTO, Elciberg Muniz do. Publicação digital e customizada do grupo San Sebastian para o grupo LGBT de Salvador. UFBA, 2018. *TCC - Graduação em Produção Cultural (FACOM)*. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27109>. Acesso em: 01 jul. 2022.

OVERMUNDO, 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/agenda/kick-a-festadopragatecno>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

PRAGATECNO, 2007. Sobre o Pragatecno. Disponível em: <<http://pragatecno.wordpress.com/pragatecno>>. Acesso em: 23 de mar. 2022.

SÁ, Simone Pereira; DE MARCHI, Leonardo. Não basta ser DJ: tem que ser underground! Sobre coletivos e comunidades virtuais de música eletrônica no Brasil. *Revista FAMECOS*, v. 12, n. 26, p. 56-67, 13 abr. 2008.

SÁ, Simone Pereira. Música eletrônica e tecnologia: reconfigurando a discotecagem. *COMPÓS*, 2003.

SANTOS, Julia Torres Dos. Produção e consumo cultural no bairro do Rio Vermelho-Salvador/Ba. *Dissertação* (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 120. 2013

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec. 1997.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. *Pragatecno: uma outra cena da mesma*. Documentário, 67 minutos, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/MsxooCgwAx4>. Acesso em: 05 abr. 2022.

STRAW, Will. Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas das Políticas Públicas. In: JANOTTI JR, Jeder (Org.). *Comunicações e territorialidades: Cenas Musicais*. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

STRAW, Will. Communities and scenes in popular music. In: GELDER, Ken e THORNTON, Sarah (org). *The Subcultures Readers*. Londres: Routledge, 1997. p. 494-505.